

RiMe

Rivista dell'Istituto
di Storia dell'Europa Mediterranea

ISBN 9788897317869

ISSN 2035-794X

numero 14/II n.s., giugno 2024

**A visão disfórica das viagens portuguesas
em Giovanni Battista Ramusio**

**The dysphoric vision of Portuguese voyages in
Giovanni Battista Ramusio**

Mariagrazia Russo

DOI: <https://doi.org/10.7410/1698>

Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Consiglio Nazionale delle Ricerche
<http://rime.cnr.it>

Direttore responsabile | Editor-in-Chief

Luciano GALLINARI

Segreteria di redazione | Editorial Office Secretary

Idamaria FUSCO - Sebastiana NOCCO

Comitato scientifico | Editorial Advisory Board

Luis ADÃO DA FONSECA, Filomena BARROS, Sergio BELARDINELLI, Nora BEREND, Michele BRONDINO, Paolo CALCAGNO, Lucio CARACCILO, Dino COFRANCESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO, Antonella EMINA, Vittoria FIORELLI, Blanca GARÌ, Isabella IANNUZZI, David IGUAL LUIS, Jose Javier RUIZ IBÁÑEZ, Giorgio ISRAEL, Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI, Germán NAVARRO ESPINACH, Francesco PANARELLI, Emilia PERASSI, Cosmin POPA-GORJANU, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ i CURULL, Eleni SAKELLARIU, Gianni VATTIMO, Cristina VERA DE FLACHS, Przemysław WISZEWSKI.

Comitato di redazione | Editorial Board

Anna BADINO, Grazia BIORCI, Maria Eugenia CADEDDU, Angelo CATTANEO, Isabella CECCHINI, Monica CINI, Alessandra CIOPPI, Riccardo CONDRÒ, Francesco D'ANGELO, Alberto GUASCO, Domenica LABANCA, Maurizio LUPO, Geltrude MACRÌ, Alberto MARTINENGO, Maria Grazia Rosaria MELE, Maria Giuseppina MELONI, Rosalba MENGONI, Michele M. RABÀ, Riccardo REGIS, Giampaolo SALICE, Giovanni SERRELI, Giovanni SINI, Luisa SPAGNOLI, Patrizia SPINATO BRUSCHI, Giulio VACCARO, Massimo VIGLIONE, Isabella Maria ZOPPI.

Responsabile del sito | Website Manager

Claudia FIRINO

© **Copyright: Author(s).**

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

**“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0
International License”**



Il presente volume è stato pubblicato online il 30 giugno 2024 in:

This volume has been published online on 30 June 2024 at:

<http://rime.cnr.it>

CNR - Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea
Via Giovanni Battista Tuveri, 130-132 — 09129 Cagliari (Italy).
Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.
Sito web | Website: www.isem.cnr.it

Special Issue

**“mar imenso solitário e antigo”:
os italianos nas rotas marítimas portuguesas**

**“mare immenso solitario e antico”:
gli italiani lungo le rotte marittime portoghesi**

**“mar imenso solitário e antigo”: the Italians in the Portuguese
maritime routes**

A cura di / Edited by
Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar -
Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

RiMe 14/II n.s. (June 2024)

Special Issue

“mar imenso solitário e antigo”:
os italianos nas rotas marítimas portuguesas

“mare immenso solitario e antico”:
gli italiani lungo le rotte marittime portoghesi

“mar imenso solitário e antigo”: the Italians in the Portuguese
maritime routes

A cura di / Edited by
Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar -
Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

Table of Contents / Indice

Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini Introduzione / <i>Introduction</i>	7-12
Nunziatella Alessandrini - Gaetano Sabatini Leone Pancaldo, um italiano na expedição de Fernão de Magalhães / <i>Leone Pancaldo, an Italian on Ferdinand Magellan's expedition</i>	13-36
Ana Paula Avelar A imagem de Fernão de Magalhães pelas vozes de Antonio Pigafetta e Giovan Battista Ramusio / <i>The image of Ferdinand Magellan through the voices of Antonio Pigafetta and Giovan Battista Ramusio</i>	37-50
Teresa Nobre de Carvalho O mundo natural americano descrito por Michele da Cuneo (1495): um dos mais precoces registos da flora caribenha / <i>The American natural world described by Michele de Cuneo: One of the earliest records of Caribbean flora</i>	51-80
Elisabetta Colla Un panorama etnografico del "mondo" e della sua rappresentazione nei "Ragionamenti" di Francesco Carletti / <i>An ethnographic overview of the "world" and its representation in Francesco Carletti's "Ragionamenti"</i>	81-100
José Manuel Garcia Um diálogo de fontes sobre a viagem de Fernão de Magalhães: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta / <i>A dialogue of sources about Ferdinand Magellan's journey: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta</i>	101-119
Rui Loureiro Giovanni Battista Ramusio e a primeira circum-navegação: Novidades geográficas, circulação de informações e intertextualidade / <i>Giovanni Battista Ramusio and the first circumnavigation: Geographical news, circulation of information and</i>	121-139

intertextuality

- Hilarino da Luz Rodrigues 141-159
A presença de Antonio da Noli em Cabo Verde / The presence of Antonio da Noli in Cape Verde
- Alessandro Ricci 161-186
Dal Mundus al Globus. L'impresa globale di Magellano nella visione imperiale di Carlo V / From Mundus to Globus. Magellan's global feat in the imperial vision of Charles V
- Mariagrazia Russo 187-201
A visão disfórica das viagens portuguesas em Giovanni Battista Ramusio / The dysphoric vision of Portuguese voyages in Giovanni Battista Ramusio

A visão disfórica das viagens portuguesas em Giovanni Battista Ramusio

The dysphoric vision of Portuguese voyages in Giovanni Battista Ramusio

Mariagrazia Russo

(Università degli Studi Internazionali di Roma -UNINT)

Date of receipt: 27/10/2023

Date of acceptance: 27/06/2024

Resumo

A obra *Delle navigazioni et viaggi* (1550-1559) do diplomata, geógrafo e humanista de Treviso Giovanni Battista Ramusio (1485-1557), sendo uma compilação histórico-geográfica, oferece uma ampla seleção de textos que dizem respeito à navegação. A obra, que exaltava também os aspectos literários da escrita, dando desta forma adequado relevo à literatura de viagens, de facto evidencia na seleção textual feita pelo autor assim como na própria abordagem histórica e cultural o ponto de vista do escritor-compilador em relação à política expansionista portuguesa. Esta diferente perspectiva aparece evidente desde os primeiros textos escolhidos por Ramusio.

Parole chiave

Giovanni Battista Ramusio, Giovanni Leone l'Africano, Alvise Cadamosto (Ca' da Mosto), Pedro da Sintra; Literatura odepórica / de viagem.

Abstract

Delle navigazioni et viaggi (1550-1559) by the Treviso diplomat, geographer and humanist Giovanni Battista Ramusio (1485-1557), being a historical-geographical compilation, offers a wide selection of texts on navigation. The work, which also exalted the literary aspects of writing, thus giving adequate prominence to travel literature, in fact shows in the textual selection made by the author, as well as in the historical and cultural approach itself, the writer-compiler's point of view in relation to Portuguese expansionist policy. This different perspective is evident from the first texts chosen by Ramusio.

Keywords

Giovanni Battista Ramusio; Giovanni Leone l'Africano; Alvise Cadamosto (Ca' da Mosto); Pedro da Sintra; Odeporic / Travel Literature

1. *Delle navigationi et viaggi*. - 2. *Della descrizione dell’Africa e delle cose notabili che quivi sono per Giovanni Lioni Africano*. - 3. *Discorso sopra il libro di M. Alvise da Ca’ da Mosto, gentiluomo veneziano*. - 4. *O ponto de vista ramusiano*. - 5. *Bibliografia*. - 6. *Curriculum vitae*.

1. *Delle navigationi et viaggi*

Falar da obra *Delle navigationi et viaggi*¹ de Giovanni Battista Ramusio (1485-1557) quer dizer atravessar três volumes em seis tomos de diferentes escritas diarísticas redigidas *post-eventum*: trata-se da “prima descrizione sistematica del mondo moderno” (Veneri, 2012, p. 162). Portanto será inevitável percorrer o tema aqui proposto de forma reduzida, limitando o exame à primeira parte da obra, dando porém uma chave de leitura que ajude a definir a perspectiva ramusiana e a visão completa do autor em relação aos Portugueses através de uma detalhada abordagem textual.

O objetivo de Ramusio, homem do pleno Renascimento italiano, movido como os sábios do seu tempo pela crescente valorização da cultura, é o de ‘dar a conhecer’: dar a conhecer o mundo já conhecido, interpretando-o com olhos novos, e sobretudo dar a conhecer o mundo recém conhecido. O fim principal dele é o de criar uma obra que se torne ponto de referência deste conhecimento para uma melhoria da humanidade – objetivo primário da própria época renascentista: “in ciò avessi a recar qualche giovamento agli uomini” (p. 3).

O novo – o observar o que se ignora – representa o propósito a perseguir, o alvo a ser alcançado. Ao mesmo tempo o trabalho de Ramusio é alertar a curiosidade perante a novidade, que outras pessoas com mais experiência escreveram antes dele. A modalidade para chegar a comunicar esta perspectiva é recolher notícias e informações redigidas por outros mas que fossem fiáveis: a pena dos outros é o instrumento para tratar da novidade, despertando o gosto necessário para uma correta aproximação aos seus textos. Mas o seu critério de ‘antologista’ e de compilador que segue específicas categorias narrativas cruza-se com o de crítico que sabe selecionar exactamente o que o público naquela altura era capaz de apreciar e sabe colocá-lo em ordem lógica segundo o seu horizonte e a sua própria construção de imagens. De resto a modéstia por ele aplicada na dedicatória a Fracastoro, ao contrário, põe em relevo a importância do “investimento personale del raccoglitore e la portata scientifica dell’impresa editoriale, validata e rafforzata piuttosto che

¹ Publicado em Veneza em 1550 (*Primo volume*, appresso gli heredi di Lucantonio Giunti), 1559 (*Secondo volume* appresso i Giunti) e 1556 (*Volume terzo*, nella stamperia de Giunti).

ridimensionata dal patrocinio di Fracastoro”²: o seu único desejo era – como escreve o editor Tommaso Giunti³ na sua introdução à obra – “mosso dal desiderio solamente di giovare alla posterità col darle notizia di tanti e sí lontani paesi e in gran parte non conosciuti mai dagl’antichi”. “Giovare alla posterità”: ‘ser útil/beneficiar à posteridade’, mostrando portanto a importância de dar continuidade à obra através das duas fases de procurar documentos e de os imprimir para que todos possam ter a eles fácil acesso. O trabalho de Ramusio é, desta forma, o de recolha, de recuperação de textos sobre as viagens, de busca de materiais existentes mas ao mesmo tempo também o de pesquisa seletiva que pressuponha uma escolha prévia e um sentido crítico apurado, exercendo opções dentro dos relatórios da sua época os que tivessem mais interesse.

2. *Della descrizione dell’ Africa e delle cose notabili che quivi sono per Giovanni Lioni Africano*

Não maravilha, nesta chave de leitura, que a primeira escolha dos textos ramusianos tenha caído sobre *Della descrizione dell’ Africa e delle cose notabili che quivi sono per Giovanni Lioni Africano*. A descrição feita por Leão, o Africano, representa, de facto, por excelência o mito do velho que se torna novo, o ‘novo’ que não pode prescindir do ‘velho’: o próprio Giovanni Leone de’ Medici (1485-1537), contemporâneo de Ramúsio, islâmico ‘convertido’ ao cristianismo, homem culto que bem conhecia o mundo do qual provinha, sintetiza o mito do árabe que aceita a fé cristã, o símbolo de uma África até então misteriosa e perigosa, desvelada e descoberta, o mito de ‘tudo é possível’ até a conversão dos ‘infiéis’. A África contada e descrita por Giovanni Leone, como código literário já conhecido, revela-se multifacetada, cheia de perigos, com uma geografia física e humana impérvia, mas ao mesmo tempo aberta como um livro que pode finalmente ser lido com um olhar diferente, ou seja com a competência de quem naquela terra viveu longamente.

A presença portuguesa é muito frequente nas descrições de Leão o Africano e a sua imagem nunca resulta positiva. Os lusitanos aparecem em duas vertentes: a de comerciantes e a de guerreiros. Os Portugueses são descritos no momento em que encontram povos diferentes (“Quegli altri che abitano vicino al mare Oceano sono tutti gentili e adorano gli idoli, e questi hanno veduti, e ancora avuta qualche pratica con loro, molti Portogallesi”, Ramusio, 1550, p. 22) quer por interesses políticos-

² Cfr. Veneri, 2017, p. 136.

³ “Tommaso Giunti alli lettori”.

territoriais quer e sobretudo por relações comerciais: na cidade di Tit em Duccala, por exemplo, “il popolo è di grosso intelletto, né sa tener giardino né gentilezza alcuna. È vero che veste assai onestamente, per aver continova pratica e intertenimento con Portogallesi” (p. 56), ou a Anfa “Vanno le genti molto ben in ordine del vestire, perciöché hanno sempre avuto lunga pratica con mercatanti di Portogallo e inglesi” (p. 73). Estas referências ao ‘vestir’ têm de facto a ver com o comércio que diz respeito a

- panos, por exemplo a Tednest “Sono in lei poche botteghe di mercatanti, come di panni che si usano di là, e di tela che vien recata in quelle parti di Portogallo” (p. 34); ou a Teijeut, città di Sus “La canna del panno grosso, come è il fregetto, vale un ducato e mezzo; la pezza di tela portogallese o fiandrese non molto grossa quattro ducati, e ogni pezza è di ventiquattro braccia di Toscana” (p. 42); ou a Ifran “Sono fra questi castelli molti terreni di datteri, e gli abitatori posseggono qualche ricchezza, perciöché contrattano le loro mercatanzie con Portogallesi nel porto di Gart Guessem, pigliando da loro panni grossi, tele e tali cose, i quali portano ai paesi dei negri, come Gualata e Tambutu” (p. 188);

- trigo e cera, como a Teculeth, città in Hea “Quivi vendono gran quantità di grano, perché la detta ha da lato una bella e spaziosa pianura; vendono ancora molta cera ai mercatanti portogalesi. Onde questa gente usa assai ornato vestire, e i suoi cavalli sono benissimo agiati di fornimenti” (p. 35);

- peixe como a Azaamur: “I mercatanti portogallesi vengono una volta l'anno a comperar gran quantità di detto pesce, e questi sono quelli che pagano la gabella, in tanto che essi dipoi consigliarono il re di Portogallo a prender la detta città” (p. 58); ou a Ommirabih “Nel fine del mese di maggio si pescan in questo fiume gran quantità di pesce chiamato in Italia lasche, del qual si sazia la città di Azamor, e appresso ne portano molte caravelle di salato in Portogallo” (p. 233).

Mas os Portugueses são considerados sobretudo como conquistadores, predadores, violentos: ao falar de “Quegli che abitano d'intorno al regno di Marocco e in Duccala” antigamente – conta Leão – viviam livres de qualquer problema até os Portugueses chegarem nas terras de Azafi e Azemor (“un tempo vissero liberi da ogni gravezza, insino a tanto che i Portogalesi ebbero dominio di Azafi e di Azemor”, p. 20); depois uma parte destas terras foi destruída pelo rei de Fez e outra “ne roinò (...) il re di Portogallo” até ao ponto de os árabes preferirem ir a “Portogallo, offerendosi per ischiavi a chiunque desse loro nutrimento. Così di essi niuno in Duccala rimase”. Noutra passagem Leão relata a destruição de Azafi,

usando no seu relato a primeira pessoa que denota uma linguagem fortemente emotiva:

Rovinò cotal città l'anno novecentodiciotto del millesimo di Maumetto, laonde tutti gli abitatori alle montagne si fuggirono, e di quindi a Marocco. La cagione fu che il popolo s'avidè che i vicini Arabi erano d'accordo col capitano del re di Portogallo, che sta in Azafi, di dar la città ai cristiani. E io viddi la detta città doppo la sua rovina, le mura della quale tutte erano cadute, e le case abitate dalle cornacchie e da sì fatti uccelli. Il che fu l'anno 920 (p. 35)⁴.

⁴ Mais uma referência a Azafi encontra-se na p. 55: “Se i Mori allora si smarrirono non è da dimandare: furono in quello isprovisto assalto di loro morti presso a centocinquanta uomini; ma non perciò restarono per molti dí di combatter la detta casa, quando sopraggiunse un'armata di Lisbona che avea fatta preparare il re, con monizion di ogni sorte di arme e di molti pezzi di grossa artigliaria, e con grandissima vettovaglia, e cinquemila fanti e 200 cavalli. Per il che i Mori, sgomentati tutti, abbandonando la città si fuggirono alle montagne di Benimegher, né altro vi rimase che la famiglia e gli aderenti del capo che consentí alla fabbrica della casa. Ebbe adunque il capitano dell'armata la città e, fattosi venire innanzi il detto capo, nominato Iehia, lo mandò al re di Portogallo, qual gli dette buona provizione con venti servitori, dipoi lo rimandò in Africa per governo della campagna della detta città, perché il capitano del re non sapeva l'uso di quell'ignorante popolo e come ei si dovesse maneggiare: la qual città rimase quasi disabitata, e tutto quel paese si rovinò. Son stato alquanto lungo in questa istoria per dimostrarvi che una femina e le parti furon cagione non solamente della rovina della città, ma di tutto il popolo e di tutta la regione di Hea. E quando fu presa detta città potevo aver anni dodici, ma dapoi circa anni quattordici io fui a parlar con il detto governor della campagna per nome del re di Fessa e del serif principe di Sus e Hea, qual governor venne con il campo di cinquecento cavalli portogallesi e piú di dodicimila cavalli d'Arabi contra il re di Marocco, e riscosse tutta l'intrata di quel paese per il re di Portogallo, l'anno novecentoventi, come abbiám detto nelle abbreviazion delle croniche”. Temos a mesma referência à destruição de Azafi na p. 57 “Terga è picciola città sopra il fiume di Ommirabih, lontana da Azemur circa a trenta miglia. È molto abitata e fa quasi trecento fuochi. Questa fu sottoposta agli Arabi di Duccala, ma dapoi che fu preso Azafi, Hali, capo di parte che fu contra a' Portogallesi, andò in detta città e abitovvi alcun tempo insieme con molti valenti uomini. Ma poscia il re di Fez lo fece andar nel suo regno con la sua famiglia, di maniera che la città rimase albergo delle civette”.

O povo português representa portanto a conclusão de um período de esplendor até a destruição completa da cidade e a redução voluntária à escravidão dos seus habitantes. Uma situação de escravidão é citada também ao descrivere a cidade de Teijeut: “Né appena vi dilungammo il piede, che seguí la rovina di quella città: il popolo parte fu ucciso e parte a Portogallo menato. Fu l'anno novecentoventi” (p. 37). Mais destruições territoriais recorrem em relação a várias cidades como Hadedchis, cidade de Hea (“Dipoi io ritornai a Marocco, e intesi la detta città esser similmente rovinata nelle guerre de' Portogalesi. Gli abitatori se ne fuggirono ai monti l'anno novecentoventidue, nel principio dell'anno che io la mia patria lasciai, e correndo gli anni di Cristo MDXIII”, p. 36); ou Gezira “in questa isola fu una piccola città antica, la quale fu abbandonata nel principio delle guerre de' Portogalesi” (p. 120).

Os Portugueses na descrição recolhida por Ramusio aparecem portanto como violentos que

- ocupam territórios: “Gartguessem (...) una fortezza su la punta del monte Atlante e di dentro del mare Oceano (...) ha nel suo circuito buonissimi terreni, i quali da vent'anni in qua furono presi da Portogalesi” (p. 43);

- em nome do Rei de Portugal coletam tributos (como em Tumeplast: “Io fui in questa terra alloggiato con Sidi Iehie, che era venuto a scuoter li tributi di quel paese in nome del re di Portogallo, dal quale era stato fatto capitano della campagna di Azafi”, p. 46; ou em Meramer: “Il paese è molto fertile di grano e di olio. Fu soggetta questa città al signor di Azafi, ma doppo che Azafi fu preso da' Portogalesi, gli abitatori di lei fuggirono e la città rimase quasi uno anno disabitata. Ma fecero dipoi con detti Portogalesi certo patto e tornarono ad abitarla, e fin ora pagano tributo al re”, p. 58; ou em Homar: “Rimase priva d'abitazione allora che Arzilla fu presa da' Portogalesi”, p. 121; ou na própria Arzilla:

Negli anni ottocentoottantadue del medesimo legira, fu questa città d'improvviso assaltata e presa da' Portogalesi, e tutti gli abitatori che si trovarono furon menati prigionieri a Portogallo (...) e così il re d'oggi con la sorella furon menati prigionieri a Portogallo, e ivi il detto re stette in cattività sette anni, ne' quali molto bene apprese la lingua portogalesca. In fine il padre con molta somma di danari ottenne il riscatto del figliuolo, il quale, asceto al regno, fu appellato per questa cagione il re Mahumet portogalesse. Egli molte volte dipoi sollecitò alla vendetta contro a' Portogalesi, cercando di riaver Arzilla (p. 121);

- matam adultos e crianças: particularmente tocante a este propósito é a morte de um homem bom e rico em Teculeth

Nel tempo che io fui in questo paese, trovavasi allora nella detta città un certo gentiluomo (...) Costui era possessore di molte ricchezze e ispendevale in acquistar benivolenza, desideroso d'esser caro a tutti; faceva molte limosine porgendo aiuto col suo alle bisogne del popolo, di modo che non v'era alcuno che non l'amasse come padre. E io di ciò posso render buona testimonianza, che non solo fui di questo consapevole, ma alloggiài molti dí nelle sue case, dove viddi lessi molte istorie e croniche di Africa. Il misero fu amazzato nella guerra che ebbero con li Portogalesi, egli e un suo figliuolo insieme. Fu questo negli anni nostri novecentoventitre, e di Cristo MDXIII. La città fu ancora ella posta a rovina, e alcuna parte del popolo fu presa, altra uccisa e altra se ne fuggí (p. 35).

O episódio chama a atenção sobretudo pelo uso da primeira pessoa que marca o envolvimento direto na acção;

- em geral, os Portugueses incutem temor (na p. 45, ao citar a terra de Imegiagen Leão, o Africano afirma “percioché nel piano non si può pur solamente passare, quando per tema degli Arabi e quando de' Portogalesi”)⁵.

Contudo os Portugueses encontram aliados em alguns árabes, visto que em muitas ocorrências aparecem na mesma batalha lado a lado: para atacar a cidade de Hanimmei “molti Arabi, insieme con trecento cavalli leggieri de' cristiani portogalesi, fecero una improvisa correria per insino alle porte della città” (p. 50); assim como ao falar de Bulahuan: “In quel punto che queste genti arrivarono, arrivò ancora la gente portogalesse, la quale, avendo aiuto da duomila Arabi, di facile la superò” (p. 57).

É evidente que Leão, o Africano, considera também as perdas por partes dos Portugueses, devidas sobretudo ao facto de estes não conhecerem os territórios: “Ed egli, con cento cavalli e pochi Arabi, si difese con tanta prodezza che fu uccisa una gran quantità dei detti Arabi, e de' cristiani niuno ritornò piú in Portogallo, e ciò avvenne perché eglino non erano pratici in questo paese, l'anno novecentoventi” (p. 50); ou em Azamur (“per essere il capitano poco pratico, fu nello imbroggar del fiume

⁵ Igual e contrária è a situação citada na p. 36 ao falar de lleusugaghen, cidade de Hea, “È questa tale città sino a questo dí abitata, percioché costoro non temono le offese de' Portoghesi, avendo per loro iscampo le montagne”.

l'armata rotta e la piú parte s'affogò", p. 58); ou ainda na terrível batalha de Mahamora (p. 79).

A descrição de Leão, o Africano, envolve diretamente o leitor entrando nos pormenores descritivos de tipo quer geográfico quer sócio-antropológico, pondo em primeiro lugar as suas experiências nos próprios territórios e mostrando-se às vezes não generoso nem com os próprios africanos: evidencia, por exemplo, o desnivelamento social nas terras de Bito, Temiam, Dauma, Medra, Gorhan, "di loro i signori e gli abitanti sono ricchi e assai pratici, amministrano giustizia e vi tengono buon governo. Gli altri sono di peggior condizione che le bestie" (p. 9); e ao falar dos "Vizii e parti biasimevoli che sono negli Africani" sublinha a maneira selvagem de viver dos africanos de algumas terras "La piú parte di questi non sono né maumettani né giudei, né men credono in Cristo, ma sono senza fede e senza non pur religione, ma ombra di religione alcuna, di modo che né fanno orazione né tengono chiese, ma vivono a guisa di bestie"; "Quei della terra negra sono uomini bestialissimi, uomini senza ragione, senza ingegno e senza pratica; non hanno veruna informazione di che che sia e vivono pure a guisa di bestie senza regola e senza legge" "Sono bestiali, ladri, ignoranti, né pagano mai cosa che lor si dia a credenza" (p. 31). Mas, mesmo assim, a leitura disfórica não se equilibra e o prato da balança da violência exercida pelos Portugueses continua mais pesado.

3. Discorso sopra il libro di M. Alvise da Ca' da Mosto, gentiluomo veneziano

Em introduzir o *Discorso sopra il libro di M. Alvise da Ca' da Mosto, gentiluomo veneziano*, posto a seguir do texto de Giovanni Leone, Ramusio justifica o seu percurso crítico e lógico de unidade e especificidade, explicando a razão pela qual Alvise de Ca' da Mosto (1430-1483) tem aquela posição de destaque nos seus volumes:

È parso ancora molto conveniente luogo di metter dette navigazioni subito dopo il libro di Giovan Lioni, perciocché, avendosi l'uomo informato per la lettura di quello delli regni de' Negri ricchissimi di oro posti sopra il fiume Niger, e delle carovane de' mercatanti che al presente di continuo di molti paesi di Barberia vi vanno, passando quelli sí lunghi diserti, con estremo pericolo della vita e infinita spesa di vetture (il che non ebbero mai animo gli antichi di fare), possa leggendo queste navigazioni veder e toccar con mano come si potria aprir un nuovo viaggio a detti regni de' Negri per mare, che saria breve, facile, commodo e sicuro. E sí come al presente ciascuna nazione de' cristiani ha licenzia di poter andar con li loro navilii alla isola di San Tomé a caricar

zuccheri, pagando li dretti al serenissimo re di Portogallo, il qual viaggio va sempre lungo la ditta costa, fino sotto della detta linea dove è la isola di San Tomé.

A elaboração do discurso de Ramusio torna-se quase polémico perante a coroa no momento em que, não concordando com a política marítima da supremacia portuguesa naquelas terras, quase incita a abrir as rotas, afirmando o seguinte:

Ma, sapendo già tanti anni li serenissimi re di Portogallo tutte le sopradette cose, e molte di piú, circa detto viaggio e non avendo voluto che fin ad ora sia fatto, è da pensar che sia stato per loro convenienti rispetti, li quali, come non è bene di volergli investigare, cosí ancora penso che non sia lecito il voler discorrer piú oltre sopra di molte altre cose di valore e ad uso del vivere nostro, che si potrian cavare di quella parte della Etiopia qual è fra il tropico di Cancro e l'equinoziale, e corre per li medemi paralleli di longitudine che correno le Indie orientali (p. 254).

Giovanni Ramusio persegue, desta forma, a sua linha geo-económica e sobretudo cultural, abrindo pistas para despertar a curiosidade necessária aos olhos da classe dos mercadores. De resto, o texto utilizado por Ramusio utiliza sempre a mesma técnica de envolvimento direto, recorrendo à primeira pessoa, a formas fáticas que perseguem o mesmo objetivo de chamar a atenção dos leitores ou o conhecimento indireto, através de outras pessoas, mas sempre através da sua própria leitura. Só para fazer alguns exemplos cito as seguintes expressões: “essendo io presente”; “mi fecero fra gli altri assai maravigliare, anzi mi fecero crescere un desiderio di volergli andare” (p. 256); “Questo è quanto io ho inteso di questa faccenda” (p. 264); “per la informazione che io ho avuta da' Portogallesi che sono stati con caravelle dentro molte migli” (p. 265); “aveva avuta informazione da certi Portogallesi” (p. 268),

A maneira de conduzir a conquista territorial encontra-se em *Alvise da Ca' da Mosto* com as mesmas tipologias daquelas contadas por *Leão, o Africano*, recorrendo quase como topos literário:

Solevano le caravelle de Portogallo venire a questo colfo d'Argin armate, quando quattro e quando piú, e saltavano in terra di notte e assalivano alcuni villaggi de pescatori e anche scorrevano fra terra, in modo che prendevano di questi Arabi, sí mascoli come femmine, e conducevanli in Portogallo a vendere. E cosí facevano per tutta l'altra costa e piú avanti, che tien del detto Capo Bianco fino al rio di Senega, il quale è uno gran fiume e parte una generazione che si chiama Azanaghi del primo regno de' Negri (p. 262),

“come ho detto, prendevan i detti Portogallesi e li vendevan come di sopra, ed erano i migliori schiavi di tutti li Negri”. A visão Alvisiana – tipicamente eurocêntrica – considera a presença nas costas de África olhando mais para os elementos positivos do que propriamente para os disfóricos. Ao falar da história portuguesa assim como da frota de Portugal surgem apenas imagens de devoção, potência e força: refiro-me, por exemplo, a como Alvisi descreve as conversas entre D. João e D. Henrique «con affettuose parole gli raccomandò la università de' cavalieri portogallesi, pregandolo ed esortandolo a proseguire il suo santo, vero e laudabile proposito di perseguitare con ogni suo potere i nimici della santa fede di Cristo» (p. 255), assinalando a missão dos Portugueses; assim como nas passagens em que se fala da vislumbrante capacidade das embarcações portuguesas capazes de enfrentar qualquer dificuldade: «essendo le caravelle di Portogallo i migliori navillii che vadino sopra il mare di vele, ed essendo quelli bene in punto d'ogni cosa che gli fa di bisogno, esistimava non esser possibile che non potessero navigar per tutto» (p. 255).

Também o aspeto comercial é tocado com a mesma atitude descritiva. Em termos de mercancia Alvisi de Ca' da Mosto sublinha a importância do ouro, admitindo porém que a presença dos Portugueses era constante também por outros circuitos comerciais: “vendono a' Portoghesi che continuamente stanno nell'isola predetta d'Argin per il traffico della mercanzia, a baratto d'altre cose” (p. 264). Do povo português Alvisi de Ca' da Mosto evidencia mais a primazia que não a violência nas ações: ao repetir “i Portogallesi che prima lo trovarono” (p. 261) ou o afirmar que os Portugueses mencionam os lugares por antonomásia apenas sublinha a competência deles.

Retoma, Alvisi, obviamente o tópico da escravidão, entrando em detalhes, mas sem os tons de condenação visíveis no texto de Leão o Africano:

Hanno anco detti Arabi molti cavalli barbari, di quali loro ne fanno mercanzia, e gli conducono nelle terre de' Negri vendendoli ai signori, i quali gli danno all'incontro teste de schiavi: e vendon detti cavalli da dieci fin a quindici teste l'uno, secondo la bontà loro. Similmente vi conducono lavori di seda moreschi, che si fanno in Granata e a Tunis di Barberia, e argenti e molte altre cose; all'incontro hanno copia di queste teste e alcuna somma d'oro. Le qual teste capitano alla detta scala e luogo di Hoden e de lí si dividono, che parte ne va alli monti di Barcha, e de lí capitano in Sicilia, e parte ne capitano al detto luogo di Tunis e per tutta la costa di Barberia; e un'altra parte conducono a questo luogo d'Argin e vendesi a' Portogallesi dell'appalto, in modo che

ogni anno si trazze d'Argin per Portogallo da settecento in ottocento teste (p. 262)⁶;

“cadauno delli nostri navilii aveva turcimanni negri, menati con noi di Portogallo, qual furon venduti per quelli signori di Senega a' primi Portogallesi che vennero a scoprire il detto paese de' Negri”.

O ponto de vista alvisiano muda em relação ao anterior relato e esta perspectiva confere ao texto ramusiano a variedade dos olhares, pondo ao alcance do leitor as diferentes gramáticas da literatura de viagem.

4. *La navigazion del capitan Pietro di Sintra portoghese, scritta per messer Alvise da Ca' da Mosto*

O texto *La navigazion del capitan Pietro di Sintra portoghese, scritta per messer Alvise da Ca' da Mosto*, manifesta a mesma atitude descritiva e eufórica em relação aos Portugueses, pondo em evidência sobretudo a intenção portuguesa de “discoprir paesi nuovi” (p. 289). Também este relato, como sabido, é tirado – pelo que o autor diz – de uma descrição indireta mas recolhida pessoalmente pelo próprio Alvise:

Col qual capitano andò un giovane Portoghese mio amico, stato con me in quelle parti per scrivano; e al ritorno delle caravelle trovandomi io, Alvise da Ca' da Mosto, in Lagos, arrivò il detto capitano, e il predetto mio amico dismantò in casa mia, il quale mi diede in nota di punto in punto tutto il paese che avevano discoperto, e gli nomi che li avevano messo, e le starie come stavano, tutto per ordine: le quali si contengono, cominciando dal predetto rio Grande, dove noi fummo per avanti, sí come qui sotto anoterò.

A atitude portuguesa em relação aos negros parece quase justificada e atenuada ao tratar da modalidde de chegar a conhecer o mundo africano: “Delli qual Negri tre d'essi introrono in una delle caravelle, e di questi tre i Portogallesi ne ritenono uno e gli altri lasciorono andare”, obedecendo ao Rei que dele pretendia “notizia delli suoi paesi”. Mas não obtendo muitas informações “il detto signore, avendolo tenuto

⁶ Outras referências: “Ed è da sapere che costoro non hanno avuto notizia d'altri cristiani salvo de' Portogallesi, li quali li fecero guerra per anni tredici o quattordici, prendendone molti di loro, come ho predetto, e vendendoli per schiavi” (p. 262); “E di questo sono stato certificato da molti Azanaghi che sono schiavi in Portogallo, e da molti Portogallesi che a quel tempo praticavano a quelle riviere con caravelle” (pp. 262-263).

alcuni mesi e fattoli mostrar molte cose del suo legno, donandoli alcune robe, con gran carezze lo fece condur di nuovo per una caravella nel suo paese. E da questo ultimo luogo non vi è passato altro navilio avanti fino al mio partire di Spagna, che fu adí primo febraro MCCCCLXIII” (p. 291).

Ramusio, depois de ter posto lado a lado duas visões de África complementares (o olhar de um africano, Leão, e a observação de um veneziano, Alvisè, que conta os acontecimentos (testemunho de vista) em primeira pessoa ou por terceiros, Pietro da Sintra (Pedro da Sintra), entrados diretamente em contato com ele, passa a confirmar as informações recuando ao mundo antigo, para reforçar o que foi dito e demonstrar que naquele momento era necessário olhar de forma diferente uma realidade já conhecida. O discurso é dirigido e orientado. Citar neste ponto da obra um clássico equivale a fornecer uma citação de autoridade, um *argumentum ab auctoritate*: “Questa navigazione di Annon cartaginese è una delle piú antiche delle quali si abbia notizia, e fu molto celebrata dalli scrittori cosí greci come latini, e Pompeo Mella e Plinio ne fanno menzione nelli lor libri” (p. 294). As razões que movem Ramusio são expressas de forma velada:

Nondimeno ai tempi presenti si conosce apertamente quanta poca cognizione aveano gli antichi come stessero le parti del mondo, e vedendosi in questa navigazion di Annone molte parti degne di considerazione, ho giudicato dover esser di sommo piacere agli studiosi se ne scriverò di alcune poche, che altre volte io notai in certi miei memoriali, avendole udite ragionare da un gentil pilotto portoghese di Villa di Condi, il cui nome per convenienti rispetti si tace,

ele justifica a inclusão porque esta descrição pode interessar aos estudiosos. O utilizo da palavra ‘estudioso’ deixa entender que, voluntariamente ou não, o próprio Ramusio tem a consciência de que os clássicos representem sempre uma referência cultural a tomar em consideração e que alvo destas publicações são pessoas cultas que muito apreciam o mundo clássico. Ao mesmo tempo temos de considerar que quem transmite este relato ao Ramusio é um piloto português, a demonstração de que os próprios Portugueses tinham a memória relacionada com África mais vigilante dos venezianos que têm agora “poca cognizione”. Tudo era já conhecido e o próprio piloto “si stupiva come, essendo già duomila anni stato scoperto tanto avanti questa costa, niun principe poi l’abbia voluta far navigare e riconoscere, se non da cento anni in qua, al tempo del signor infante don Henric di Portogallo” (p. 295). Portanto, a história de Hanão, dito o Navegador, contada por um português que bem conhecia por transmissão oral esta empresa, confirma que tudo o que se

está a descrever e relatar corresponde à verdade, uma literatura que descreve a realidade: é um recurso paratextual para solicitar a curiosidade do leitor. A sequência escolhida por Ramusio torna-se perfeitamente compreensível neste quadro de despertar a atenção e de – através do conhecimento – abreviar as distâncias geo-culturais.

4. O ponto de vista ramusiano

“Ramusio - sugere Luciana Stegano Picchio - não quer escrever uma história, não quer interpretar acontecimentos, não quer julgar nem sugerir. O que ele quer, com a competência e a probidade do homem de ciências, é informar: escolhendo para isso os relatos mais autorizados, e justapondo-os de forma que das opiniões e dos testemunhos contrastantes saia uma verdade mais pura, mais limpa, mais histórica” (Stegagno Picchio, 1999, p. 322.). Mas, a meu ver, o segundo objetivo que tem Ramusio, o qual inverte o imaginário coletivo, é o de demonstrar de forma mais política que as terras de que a presente obra trata não podem pertencer a Portugal porque já conhecidas anteriormente: sem descobrimento, não há padroado, não há obrigações a cumprirem, não há direitos territoriais nem marítimos adquiridos. É o que Ramusio diz expressamente ao escrever antes do relato do piloto as seguintes palavras:

Queste e simil cose andava discorrendo il detto piloto sopra questa navigazione di Annone, la qual, per la pratica che avea di quella costa, si sforzava di accordar con le navigazion moderne. Aggiungendo che, se li serenissimi re di Portogallo non avessero del tutto proibito il contrattar sopra questa costa di Etiopia con Negri (percioché non vi lassano andar se non quelli che hanno l'appalto, i quali sono pochi e appresso ignoranti), facilmente col tempo si saria penetrato fra terra in diversi luochi di detta costa, e venuto in cognizione delli monti, fiumi e paesi di quelli che abitano fra terra. Ma lo andarvi è del tutto proibito dai detti re, né vogliono che si sappian né queste né molte altre cose.

Os Portugueses representam portanto nesta visão ramusiana – que escolhe os textos a propôr – o obstáculo para comercializar e para conhecer mais: não tendo sido eles os primeiros a descobrirem as terras não podem impedir aos outros de penetrar «fra terra in diversi luochi di detta costa». É uma clara condena à política portuguesa do sigilo. Ramusio através da compilação textual constroi uma imagem diferente da política portuguesa, favorecendo os interesses dos venezianos em

relação às conquistas territoriais em África. Os Portugueses, acusa Ramusio através dos trechos selecionados, não permitem um desenvolvimento aos outros europeus porque “lo andarvi è del tutto proibito dai detti re, né vogliono che si sappian né queste né molte altre cose”. Eles representam o verdadeiro obstáculo a ultrapassar para poder conhecer mais. O primado mencionado por Alvise de Ca’ da Mosto, assim como por Pedro de Sintra, vem a ser totalmente reduzido no momento em que a história revela o contrário – história até contada por um português e portanto por uma pessoa que, mesmo enaltecendo a figura do príncipe português, de facto sublinha como os eventos históricos demonstrem o contrário. Ramusio, mesmo contando os maravilhosos descobrimentos dos Portugueses pelo mundo, constroi o discurso, denunciando declaradamente a presença deles como obstáculo ao progresso renascentista, político e económico. Ter aberto o volume com uma visão disfórica em relação à presença portuguesa em África, a de Leão o Africano, não será nesta chave de leitura totalmente casual. O olhar ramusiano, analisando outras categorias humanístico-morais, evidencia a marca da sua escrita e da sua recolha, tornado-se ‘motivema’, motivo recorrente, em toda a sua seleção textual: Ramusio, mesmo reconhecendo o valor épico e extraordinário da expansão portuguesa, considera-a culturalmente uma desilusão porque não dada ao alcance de todos os homens e reclama o direito de conhecer (conhecer humanístico, ligado à nova percepção do mundo, mas também político e económico) para saber mas também para favorecer a sua pátria, a República de Veneza, oferecendo dos Portugueses uma imagem polifacetada e confrontando sempre e adequadamente duas faces da mesma moeda.

5. Bibliografia

- Ramusio, Giovanni Battista (1550) *Primo volume delle nauigationi et viaggi nel qual si contiene la descrizione dell’Africa, et del paese del prete Ianni, con uarii uiaggi, (...) Li nomi de gli auttori, et le nauigationi, et i viaggi piu particolarmente si mostrano nel foglio seguente*. In Venetia: appresso gli heredi di Lucantonio Giunti.
- (1556) *Terzo volume delle nauigationi et viaggi nel quale si contengono le nauigationi al mondo nuouo alli antichi incognito, fatte da don Christoforo Colombo genouese, che fu il primo a scoprirlo a i re catholici, Si come dimostrano le diuerse relationi, tradotte di lingua spagnuola & francese nella nostra, & raccolte in questo volume. con tauole di*

geographia (...) Et figure diuerse di piante, & altre cose a noi incognite. Et con l'Indice.
In Venetia: nella stamperia de Giunti.

— (1559) *Secondo Volume Delle Navigationi Et Viaggi (Classic Reprint): Nel Quale Si Contengono l'Historia Delle Cose de Tartari, Et Diversi Fatti de Loro (...) Varie Descrittioni Di Diuersi Autori.* In Venetia: nella stamperia de' Giunti.

Stegagno Picchio, Luciana (1999) *Mar Aberto. Viagens dos portugueses.* Lisboa: Caminho.

Veneri, Toni (2012) 'Giovanni Battista Ramusio, molto più di uno spettatore. Le quinte delle *Navigationi et viaggi*', *Italics*, 89 (2), pp. 162-201.

— (2017) '«Per convenienti rispetti». Osservazioni sulla presa di parola di G. B. Ramusio', *Quadreni veneti*, 6 (2), pp. 131-152.

García Guerra, Elena María (2023) 'Las pérdidas del patrimonio real y privado tras las operaciones de baja y consumo de la moneda de vellón durante la primera mitad del siglo XVII', in Lanza García, Ramón (a cura di) *Finanzas y crisis financieras en la Monarquía Hispánica, siglos XVI-XVII.* Madrid: Marcial Pons Historia.

6. Curriculum vitae

Mariagrazia Russo, Reitora da *Università degli Studi Internazionali di Roma – UNINT* é Professora catedrática de Língua e tradução portuguesas. Formou-se em Roma onde cursou na *Universidade Sapienza* de Roma os estudos académicos até ao Pós-doutoramento, e em Paris onde conseguiu na Sorbonne IV o D.E.A. em *Etudes Portugaises, Bresiliennes et de l'Afrique Lusophone.* Na *Università degli Studi della Tuscia* de Viterbo foi investigadora e professora associada durante 15 anos. Tem mais de 180 publicações na área da literatura, história e língua em relação aos países de língua oficial portuguesa. Os trabalhos de linguística interessam principalmente a linguística missionária, literária, de contato, de fronteira, de herança, onomástica, lexicografia e tradutologia.

Periodico semestrale pubblicato dal CNR

Iscrizione nel Registro della Stampa del Tribunale di Roma n° 183 del 14/12/2017